



MISÉRIA E GRANDEZA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A ANTROPOLOGIA PARADOXAL DE BLAISE PASCAL

Misery and greatness: an investigation into the paradoxal anthropology of Blaise Pascal

José Roberto Gomes da Costa*



* Bacharel em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri (curso convalidado pela Faculdade de Teologia Integrada). Graduado em Filosofia pela Faculdade Kuryos e pós-graduado em Filosofia pela Faculdade Unyleya. Autor do livro *Cultivando a reciprocidade*. Capelão militar e pastor batista há 17 anos.

Contato:

jrobg2001@yahoo.com.br

Recebido em: 27/08/2020

Aprovado em: 21/09/2020

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo investigar a condição humana no paradoxo antropológico miséria/grandeza de Blaise Pascal. O estudo concentrar-se-á na exposição da fonte e contexto da formação do pensador francês, na análise dos traços da miséria- *ennui*, *imaginação*, *divertissement*; e vestígios da grandeza humana- a *razão*, o *coração*, o *espírito de finura*. A principal obra de Pascal, *Pensamentos*, constituirá nossa fonte primária, acompanhada de outras fontes secundárias de comentadores do filósofo.

Palavras-chave: Paradoxo; Antropologia; Miséria; Grandeza.

ABSTRACT:

The present paper aims to investigate the human condition in Blaise Pascal's anthropological paradox- misery/greatness. The study will focus on the exposure of the source and context of the line of thought as well as the educational training of the French thinker, on the analysis of the traces of misery- *ennui*, *imagination*, *divertissement*; and vestiges of human greatness - *reason*, *the heart*, *the spirit of fineness*. Pascal's main work, *Pensées - Thoughts*, will constitute our primary source, followed by other secondary sources of commentators on the philosopher.

Keywords: Paradox; Anthropology; Misery; Greatness.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pensar a condição humana consiste numa tarefa fundamental para a filosofia. O aforismo “conhece-te a ti mesmo” como campo epistemológico do próprio ser é imprescindível para desvelar outros saberes, seja no âmbito individual, político ou social. Nessa perspectiva, apresentamos em nosso escrito uma investigação do paradoxo da antropologia de Blaise Pascal.

O que é o homem? Qual a sua condição? Pascal pensa a condição humana a partir do paradoxo miséria-grandeza. Segundo ele, a consideração de apenas um dos polos incorre em perigos. O foco apenas na grandeza gera soberba, no entanto, a fixação na miséria conduz o homem ao desespero. Assim, temos por objetivo expor essa antropologia paradoxal que resgatou o pensamento agostiniano e transcendeu as vias cristalizadas.

Para tal busca, recorreremos à obra incompleta de Pascal, *Pensamentos*. Também respaldaremos o estudo com autores que já discorreram sobre o tema, especialmente Luiz Felipe Pondé. Em seu livro, “O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana”, o filósofo apresenta a temática de forma bastante elucidativa.

Estruturamos a pesquisa expondo a fonte e contexto da antropologia pascaliana, os traços da miséria bem como os vestígios da grandeza humana. Os dois últimos estabelecerão o paradoxo que Pascal defendeu veementemente, não reduzindo sua visão ao seu próprio tempo.

1- FONTE E CONTEXTO DA ANTROPOLOGIA PASCALIANA

No século XVII, o racionalismo e o humanismo permeavam todas as estruturas do Ocidente. Elementos e entidades passavam pelo crivo da razão para obter sua validade e aceitação. Surge nesse contexto Blaise Pascal, o gênio francês (ATTALI, 2003, P.13). Filho de Étienne Pascal e de Antoinnete Bérgon, nasceu na cidade de Clermont-Ferrand em 19 de junho de 1623. Mostrou-se prodígio nas respostas que dava e questionamentos que fazia acerca da natureza das coisas. Após a morte de sua mãe, ainda com 3 anos de idade, teve atenção especial do pai, que eivou todos os esforços para instruí-lo pessoalmente. A grade curricular incluía estudos intensos sobre línguas, conceitos básicos das leis da natureza e técnicas humanas. Aos 24 anos experimentou sua conversão ao

Cristianismo e, influenciado pela irmã Jaqueline, uniu-se aos jansenistas de Port-Royal aos 30. Ali escreveu *Memorial*, uma obra mística, e *Colóquios com o Senhor de Saci sobre Epiteto e Montaigne* e as *Provinciais*- obras apologéticas.

Em Port-Royal, Pascal ficou profundamente comovido com o milagre de sua sobrinha, acometida de uma fístula lacrimal havia mais de três anos e que fora diagnosticada como incurável pelos melhores cirurgiões de Paris. Esse acontecimento fez o irmão de Gilberte Perier concluir que se há milagres, há, portanto, algo acima do que denominamos natureza. Surgia, então, o filósofo do paradoxo humano, que concebia na autoconsciência dos limites da razão e fraquezas humanas sua maior grandeza.

Dessa maneira, para compreendermos o paradoxo miséria/grandeza pascaliano da condição humana, descreveremos um breve contexto que influenciou o pensador de Port-Royal, observando sua atividade científica, religião (jansenismo), diálogo com Descartes e as grandes vozes do humanismo, Epiteto e Montaigne.

1.1 - O cientista

Conforme já apontado, a genialidade de Pascal é percebida desde a tenra idade. Aos doze anos ele redescobre a matemática a seu modo, chegando até o teorema trinta e dois de Euclides apenas desenhando figuras em seu quarto de jogos, sem o auxílio de nenhum mentor (PERIER *apud* FERREIRA, 2012). Jacques Attali resume bem as atividades que ratificam a prodigalidade do filho de Etienne.

Com doze anos redescobre a matemática a seu modo; com dezesseis, inventa a geometria projetiva, ainda hoje necessária à mecânica e à engenharia; com dezenove, monta a primeira máquina de calcular, na qual se inspiram todos os nossos computadores; com vinte e três anos, inventa a física experimental, calcula o peso do ar, concebe a prensa hidráulica e derruba uma teoria milenar, segunda a qual a natureza teria “horror” ao vácuo. Com vinte e oito, inventa o cálculo das probabilidades, pilar de todas as ciências sociais e físicas de hoje [...] Com trinta e cinco anos, sofrendo muito, resolve um dos mais difíceis problemas matemáticos jamais formulados, ao mesmo tempo em que inventa, de passagem, o cálculo integral (ATTALI, 2003, p.13).

Ainda que Gilberte Perier quisesse indicar uma dedicação exclusiva de seu irmão às “coisas de Deus” após a chegada a Port-Royal (30 anos), conforme citação supra, a atividade científica de Pascal estende-se até 1658, quando escreve o estudo sobre a área

da cicloide. Tal empreendimento mais tarde serviu de base para a descoberta do cálculo integral de Leibniz (1646-1716) e Newton (1642-1727).

A genialidade científica de Pascal incide sobre suas reflexões antropológicas e sociais, pois foi um dos primeiros a observar na precariedade da condição humana a chave do comportamento das multidões, a prever que o medo da morte levaria à fuga na distração e na indiferença- no entretenimento e no individualismo, diríamos hoje, desempenhando uma espécie de papel profético (ATTALI, 2003).

1.2 – Jansenismo

Pascal está inserido na longa tradição agostiniana do século XVII, tanto no aspecto teológico quanto filosófico e literário (PONDÉ, 2001). Isso se deu por conta de sua conversão ao jansenismo, um movimento promovido pelo monge belga Cornélio Jansênio (1585-1638), que estava descontente com o racionalismo exacerbado dos teólogos escolásticos. Ele escreveu *Augustinus*, uma obra que resgatava os conceitos teológicos do pecado original, graça e predestinação nos escritos de Santo Agostinho (354-430). Seu objetivo era conciliar as teses protestantes e católicas referentes ao tema da “graça” remanescentes da Reforma (1517). Segundo Ferreira (2012, p.47), a publicação de Jansênio assim resumia o pensamento do bispo de Hipona: “existem no homem dois estados de natureza; um deles se refere ao estado prévio ao pecado original e o outro é o estado em que atualmente o ser humano se encontra, estado de natureza corrompida e miséria”.

Tal pensamento suscitaria um grande esforço jansenista em afirmar que “o pecado original comprometeu irremediavelmente a natureza original do homem, de modo que sua condição atual o coloca muito distante da bondade primitiva e totalmente despojado de meios próprios para recuperá-la” (SILVA, 2002, p.342). Pascal engaja-se fielmente na demarcação de uma condição humana trágica resultante da ruptura entre o primeiro homem e o Criador, como bem notamos no fragmento abaixo:

A grandeza do homem é tão visível que ele se extrai até mesmo de sua miséria, pois aquilo que é natureza nos animais, chamamos miséria no homem, e por aí reconhecemos que, sendo a sua natureza semelhante à dos animais, *ele está decaído de uma natureza melhor que lhe era própria anteriormente* (PASCAL, 2005, p.40. laf.114, bru 397, Grifo nosso).

Além do estado concupiscente do homem, Pascal revela seu agostinianismo referindo-se à queda como “rebelião orgulhosa” (SELLIER, 1995 *apud* PONDÉ, 2001). Isso porque Adão sucumbiu exatamente na tentação de ser como Deus (Gênesis 3.5), tornando-se o primeiro dos humanistas, tendo em vista o humanismo pensar o homem como um ser suficiente psicologicamente (PONDÉ, 2001).

O comentador de Pascal, Vicent Carraud, também constata o universo agostiniano em Pascal, afirmando que a entrevista de Pascal com Sacy apresenta uma antropologia simples, fundada sobre a oposição da grandeza e da fraqueza do homem, segundo a oposição agostiniana dignidade/miséria: Epiteto conhece a grandeza, Montaigne conhece a fraqueza. (CARRAUD, 1992 *apud* PONDÉ, 2001).

1.3 - Descartes

Contemporâneo de Pascal, o autor de Discurso do Método, é a grande voz do racionalismo moderno. O cartesianismo foi uma filosofia marcante ao longo do século XVII, de modo que não é incomum encontrar resquícios deste sistema, mesmo naqueles pensadores que adotaram uma postura crítica em relação ao autor das *Paixões da alma*. Conforme afirma Gouhier (2005, p. 309), “todos os textos ou afirmações conhecidas em que Pascal cita Descartes são críticos”. No entanto, observaremos que há certa aproximação entre eles.

Por meio de sua famosa doutrina do *cogito* Descartes já atribuíra um caráter elevado ao pensamento. O pensamento é, por assim dizer, elemento autenticador da existência. “Sou uma coisa que pensa”, já declarara o filósofo francês em suas Meditações. A propósito, quatro anos antes comentando sobre o estabelecimento de um novo método para as ciências, Descartes já confessara que aquilo que mais lhe satisfazia era saber que o uso do seu método lhe permitiria o uso da razão em cada coisa (DESCARTES, 2004). Pascal segue de perto a ideia cartesiana em relação ao valor do pensamento e da razão.

O pensamento é, por assim dizer, aquilo que identifica o homem enquanto tal, o elemento sem o qual ele não pode ser pensado ou definido. Pode-se pensar um homem sem mãos, sem cabeça ou sem pernas, mas um homem desprovido da faculdade do pensar, não seria mais que um animal ou uma pedra. Ao “penso, logo existo” de Descartes, Pascal

propõe o “penso, logo sou homem”. De fato, o pensar é para o filósofo jansenista não apenas o elemento que confere dignidade ao homem, mas algo que possui um vínculo direto com a moralidade.

O homem não é senão um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante [...] Toda a nossa dignidade consiste pois no pensamento. É daí que temos de nos elevar, e não do espaço e da duração que não com seguiríamos preencher. Trabalhemos, pois, para pensar bem: eis aí o princípio da moral. (PASCAL, 2005, p.86. laf.200, bru.347).

Ao modo pascaliano, o esforço pelo bem pensar consiste em um importante princípio da moral. O homem, portanto, não deve buscar sua dignidade no espaço, na posse de riquezas, mas na ordenação do seu pensamento, no exercício frequente da razão.

Ainda em sua obra póstuma *Pensamentos*, o filho de Étienne lista dois elementos que caracterizam a natureza humana, a saber, o instinto e a razão. Os dois são como dois senhores que ordenam nossos atos. Para ser mais preciso, nas palavras do filósofo jansenista, a razão manda em nós muito mais imperativamente do que um amo, de tal forma que, tentar desobedecê-la seria o cúmulo da tolice (PASCAL, 2005). Podemos, então, afirmar que Pascal é cartesiano ao assegurar a importância da razão e do pensamento. Se tomarmos como paradigma a compreensão antropológica de Pascal de que o homem é marcado por um grande princípio de grandeza e um grande princípio de miséria, temos, então que admitir que o pensamento é aquilo que realça a grandeza do homem.

1.4 - Epiteto e Montaigne

A antropologia paradoxal pascaliana também é forjada no confronto com o humanismo de sua época, representado pelas vozes dos filósofos Epiteto e Montaigne¹, estoico e cético respectivamente, ou dogmático e pirrônico². Pascal não se conforma em

¹ Michel de Montaigne (1533-1592) é o mais importante filósofo que reflete a ascensão do ceticismo no quadro cultural do Renascimento. O seu pensamento é marcado, primeiramente, por uma retomada de certos traços do estoicismo, e em segundo momento, por uma aproximação com o ceticismo (SMITH *apud* SOUSA, 2007).

² Historicamente o começo do pensamento pirrônico está ligado à lendária figura de Pirro de Elis (360-275 a.C). Ele talvez tenha sido o primeiro filósofo a duvidar de tudo, não aceitando a se comprometer com qualquer juízo que fosse além de como as coisas pareciam ser. O Pirronismo, como uma corrente cética, é

escolher entre as duas maneiras vigentes de ver o homem. Havia um esquema dualista no qual se forçava a escolha de um ou outro, sendo o homem um deus, ou um animal. Segundo o pensador de Port-Royal, nenhuma das opções contempla plenamente a condição humana. Na linguagem de Gouhier (2005, p. 269), “os dois trajetos são dois becos [...] Pascal não cessará, pois, de olhar o mundo dos filósofos considerando os que visam demasiado alto e os que visam demasiado baixo”. Para o filósofo francês, há uma coexistência de pequenez e grandeza no homem.

Contrariedades. Depois de ter mostrado a baixa e grandeza do homem. Que o homem agora se estime no seu justo valor. Ame-se, pois há nele uma natureza capaz de bem; mas não ame por isso as baixezas que nele estão. Despreze-se, porque essa capacidade é vazia; mas não despreze por isso essa capacidade natural (PASCAL, 2005, p. 41. l.119, bru.423).

Segundo o comentador Gouhier (2005), Pascal estudou o *Manual e os Colóquios de Epiteto*, bem como os *Ensaio de Montaigne*. Residindo em Port-Royal, o pensador mostra ao Sr. Sacy que uma apologética moderna não podia ignorar os livros desses dois filósofos que eram tão lidos pelos cristãos. Nicolas Fontaine, secretário do Sr. Sacy, registrou o diálogo deste com Pascal acerca dos dois filósofos sob o título *Colóquio do Sr. Pascal e do Sr. Sacy sobre a leitura de Epiteto e Montaigne* (GOUHIER, 2005). Nessa obra, o jansenista começa elogiando Epiteto, afirmando que este é um dos filósofos do mundo que melhor conheceu os deveres do homem, mas logo trata de criticá-lo porque “saber o que se deve fazer é bom, mas sob a condição de também saber o que se pode fazer e, *ipso facto*, o que não se pode fazer; sem este segundo saber, o primeiro torna-se perigoso” (GOUHIER, 2005, p.143).

Epiteto constrói uma espécie de super-homem, que tudo pode fazer, inclusive encontrar Deus por suas próprias forças. Tal pensamento, segundo Pascal, é orgulho e soberba diabólica (PASCAL *apud* GOUHIER, 2005). Assim, o homem deve reconhecer sua impotência:

Razão dos efeitos.

inventado por Enesidemo (100-40 a.C), em reação ao dogmatismo negativo que havia dominado o ceticismo na Academia (SOUSA, 2007, p. 23).

Epiteto. Aqueles que dizem: estais com dor de cabeça, não é a mesma coisa. Tem-se certeza quanto à saúde e não quanto à justiça, e realmente a sua era uma insignificância. E no entanto ele acreditava demonstrá-la dizendo estar em nosso poder ou não. Mas não percebia que não está em nosso poder regular o coração e estava errado em concluí-lo do fato de haver cristãos. (PASCAL, 2005, p. 35. l.f.100, bru.467).

Nesse fragmento, Pascal aponta para a impotência que os estoicos não atentavam, pois levados pelo pensamento de que a razão tudo poderia proporcionar ao homem, esqueciam-se da dimensão do coração, tema muito corrente na filosofia de Pascal.

A antítese do estoicismo, como afirmamos, era o pirronismo, representado por Montaigne. Segundo Gouhier, as referências a esse autor na obra *Pensamentos* devem ser bem mais que as dezessete que seu nome é citado. O comentador reitera:

Ora, o Colóquio com o Sr. de Sacy nos mostra Montaigne mais utilizável, se se pode dizer, que Epiteto na apologética cristã. Lemos já num dos “Pensamentos”: “O pirronismo é a verdade.” Assim, coisa de aparência paradoxal, os filósofos que miram baixo demais contribuem mais com o Pascal apologista do que aqueles que miram alto demais (GOUHIER, 2005, p. 294).

Em sua obra apologética, Pascal não poderia deixar de recorrer aos *Ensaio*s (1580), pois encontrava neles mestres entre os gregos e latinos, de forma que anexaria as justas observações de Montaigne sobre o homem e denunciaria a perigosa insuficiência de suas explicações na perspectiva cristã (GOUHIER, 2005). Ou seja, seu principal objetivo não consistia em fundamentar sua antropologia em tais pensadores, e sim entendê-los para ratificar sua visão da condição humana, como mostra o texto:

De fato, Montaigne “pirrônico puro” será a principal fonte de Pascal quando ele tem necessidade dos argumentos clássicos do ceticismo; isto para construir, não para destruir, com mais exatidão para obrigar o homem a ver-se tal como ele é (GOUHIER, 2005, p. 201).

Pascal percebe nessa filosofia um valor positivo, pois sua dúvida é uma arma contra a tentação ameaçadora que leva o homem a tornar-se como um que sobre-humano. Mas a instrumentalização que o pensador francês faz do pirronismo revela ressalvas, pois a dúvida, fundamentação teórica da corrente filosófica, apresenta seu limite, não sendo possível haver um pirronismo integral.

Que fará então o homem nesse estado? Duvidará de tudo, duvidará de que está desperto, de que o beliscam, de que o queimam, duvidará de que duvida, de que existe. Não se pode chegar a esse ponto, e considero de fato que nunca

houve pirrônico efetivo perfeito. A natureza dá apoio à razão impotente e a impede de extraviar-se até esse ponto (PASCAL, 2005, p. 46. laf.131, bru.343).

Nenhuma das duas alternativas propostas pelos contemporâneos de Pascal, portanto, era capaz de responder, em sua inteireza, qual a verdadeira condição do homem, pois este ultrapassa infinitamente a si mesmo. Não poderíamos chamá-lo de estoico ou pirrônico, mas suas alusões aos escritos daqueles que elevaram o homem e dos que o rebaixaram tecem uma antropologia paradoxal capaz de nos levar a uma reflexão existencial.

Se ele se rebaixa, eu o gabo.

E o contradigo sempre

Até que compreenda

Que é um monstro incompreensível (PASCAL, 2005, p. 44. laf.130, bru. 420).

O caminho até aqui percorrido, expondo o contexto biográfico e filosófico de Pascal, pavimenta a via do paradoxo antropológico de nossa investigação, que contemplará os dois próximos capítulos. Esses serão abordados de uma perspectiva também paradoxal ao iniciarmos pelos traços da miséria humana. Assim, partimos daquela condição menos apreciada para, somente depois, chegarmos aos vestígios da grandeza do homem. Ao apontarmos os “vestígios”, preservamos a própria contrariedade que persiste no pensamento do apologista de Port-Royal.

2- TRAÇOS DA MISÉRIA HUMANA

Contrapondo-se ao humanismo de sua época em seu embate com Epiteto, Pascal aponta a miséria humana como componente integrante de um ser paradoxal. Segundo o filósofo francês, reverberando Agostinho, o homem pós- queda vive um vazio existencial resultante do abandono de Deus desde o Éden. Seguindo esse princípio, discorreremos os três principais traços dessa baixeza, a saber, o *ennui*, a *imaginação* e o *divertissement*.

2.1 *Ennui*

É um termo francês que pode ser traduzido por similares em português tais como aborrecimento, angústia, tédio, entre outros (PONDÉ, 2014). No século XVII possuía uma conotação de angústia essencial, associada à impossibilidade de sair de tal estado, como uma espécie de patologia espiritual (PONDÉ, 2014, p. 07). No que consiste esse estado? Por que Pascal o vê como expressão da condição humana?

Tédio (*ennui*).

Nada é mais insuportável para o homem do que estar em pleno repouso, sem paixões, sem afazeres, sem divertimento, sem aplicação. Ele sente então todo o seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência, seu vazio. Imediatamente nascem do fundo de sua alma o tédio, o negrume, a tristeza, a mágoa, o despeito, o desespero (PASCAL, 2005, p. 268. laf.622, bru.131).

Essas palavras demonstram que Pascal via o *ennui*³ como um estado de espírito presente no homem que se angustia à medida que olha para dentro de si mesmo. Ou seja, a contemplação da interioridade esvaziada de sentido conduz o homem inevitavelmente a um estado de melancolia, de dor e desespero. O *ennui* é intrínseco à natureza humana, pois o homem se entediaria mesmo sem motivo de tédio, já que este habitar no fundo do seu coração.

Daí suas tentativas de fuga por meio do *divertissement*, tendo em vista o repouso ser insuportável. Mas, a partir do momento em que a diversão for tirada, o homem seca de tédio, comprovando a observação do filósofo. Pondé (2014, p.36) notou bem essa relação: “A prática do divertimento é para Pascal uma economia espiritual que visa afastar o homem da consciência existencial de sua miséria”. Mas, devido a sua condição natural, é impossível que o homem se livre do *ennui* plenamente.

Ainda nessa dinâmica *ennui/ divertissement*, Pascal dedica os fragmentos 136 e 137 laf, 139,142 bru. Tendo em vista que analisaremos o segundo posteriormente,

³ Martins assim define “tédio”: “[...] é a condição miserável que permite à criatura ver a si mesmo sem desvio, sem ofuscamento. O homem percebe sua fragilidade no tédio, tudo que o ameaça- doenças, mortes, acidentes, tortura, prisão, abandono, solidão- de modo que Pascal descreve o tédio como um ser que tem autoridade própria e brota do mais íntimo do coração humano, como parte da natureza depois da queda, como um veneno que permeia todo o seu espírito e faz soçobrar o corpo (MARTINS, 2006 *apud* FERREIRA, 2012, p. 90).

concentramos maior atenção sobre o primeiro. Inicialmente notamos a infelicidade que se constitui pensar em si mesmo: “O rei está cercado de pessoas que só pensam em divertilo e impedi-lo de pensar em si mesmo. Porque ele fica infeliz, embora seja rei, se pensar em si mesmo” (PASCAL, 2005, p. 52. laf.136, bru 139). Independentemente da situação social, política ou financeira, o pensamento sobre nossa condição nos leva ao desespero e a infelicidade.

O *ennui* evidencia-se tão fortemente no homem que nem mesmo prazeres ou ocupações prolongados o satisfazem. Como afirma Pascal, “A eloquência contínua aborrece [...] Os príncipes e os reis jogam algumas vezes. Não ficam o tempo todo no trono. Aborrecem-se nele. A grandeza tem que ser deixada para ser sentida. A *continuidade desgosta em tudo*” (2005, p. 305. laf.771, bru.355- *grifos do autor*). Tudo isso mostra a desordem que homem é, pois há uma “desarmonia entre uma característica necessária da existência, isto é, a construção da identidade, unificada por uma continuidade, e a repugnância que essa continuidade gera” (PONDÉ, 2014, p. 202).

Esse estado de espírito captado por Pascal, além de tentar fuga pelo *divertissement*, edifica baluartes no coração humano através do que o filósofo francês denomina *imaginação*. Ele não poupou críticas àquela que chamou também de faculdade suprema do erro.

2.2 - Imaginação

A imaginação é a faculdade por excelência da contingência e da insuficiência como miséria- falência moral e epistemológica (PONDÉ, 2014, p.205). Ela é uma parte dominante do homem, constituindo-se uma segunda natureza, um evidente traço de miséria e insuficiência humana.

Imaginação.

É essa parte dominante do homem, essa mestra do erro e da falsidade, e ainda mais trapaceira porque nem sempre o é; pois ela seria regra infalível de verdade se fosse regra infalível da mentira. Ainda mais- Mas, sendo o mais das vezes falsa, ela não mostra nenhum sinal dessa sua qualidade, marcando com as mesmas características o verdadeiro e o falso (PASCAL, 2005, p. 12. laf.44, bru.82).

Observamos a força esmagadora que a imaginação opera no homem, bem como sua inviabilidade na fundamentação de um critério, tendo em vista marcar com as mesmas características o verdadeiro e o falso. Daí o pensador francês chamá-la de “potência inimiga da razão” logo em seguida. “A imaginação tem seus felizes, seus infelizes, seus sadios, seus doentes, seus ricos, seus pobres. Ela faz acreditar, duvidar, negar a razão” (PASCAL, 2005, p.12. laf.44, bru.82). Assim, essa faculdade dispõe de tudo, fazendo a beleza, a justiça e a felicidade, criando uma segunda natureza, uma realidade própria. Mais adiante Pascal ressalta o poder que a imaginação exerce sobre os homens.

Quem confere a reputação, quem dá o respeito e a veneração às pessoas, aos livros, às leis, aos grandes, senão essa faculdade imaginária. Todas as riquezas da terra são insuficientes sem seu consentimento. Não direis que aquele magistrado cuja velhice venerável impõe o respeito a todo um povo se pauta por uma razão pura e sublime, e que julgue as coisas por sua natureza sem se deter naquelas vãs circunstâncias que só ferem a imaginação dos fracos. Vede-o entrar num sermão, em que coloca um zelo devotíssimo reforçando a solidez de sua razão com o ardor de sua caridade; lá está ele pronto para ouvi-lo com um respeito exemplar. Apareça o pregador: se a natureza lhe deu uma voz rouquenha e feições estranhas, se o barbeiro não o barbeou direito, se além, disso o acaso ainda o salpicou de manchas, por maior que sejam as verdades que ele esteja pregando, eu aposto na perda da gravidade do nosso senador (PASCAL, 2005, p. 13.laf.44, bru.82).

No fragmento citado, Pascal exemplifica os efeitos da imaginação sobre o homem de forma que o mais razoável discurso perde sua força se proferido numa circunstância em que o “cenário” não seja aquele “fantasiado” como apropriado. A faculdade do erro, a despeito de sua falta de critérios, estabelece uma aparência daquilo que é valioso e aceitável, sobrepondo-se à própria razão e independentemente de nossa vontade. Ou seja, ao homem caído é natural submeter a razão à faculdade imaginativa, o que se constitui uma grande inconsistência com o projeto humanista do qual Pascal era contemporâneo.

Nem mesmo o maior filósofo do mundo, símbolo da razão, escapa da rede dessa faculdade usurpadora, pois ainda que estivesse em cima de uma tábua mais larga do que o necessário, e abaixo dele houvesse um precipício, por mais que a razão o convencesse de que estivesse em segurança, a sua imaginação prevaleceria (PASCAL, 2005). Essa exerce sobre a razão, portanto, domínio, fundando uma natureza e inventando um mundo no qual estabelece verdades, mentiras valores e afetos (PONDÉ, 2014).

De acordo com Pascal, a imaginação sobrepõe-se à razão por um motivo bem inerente à condição humana: o prazer ou a felicidade. “Os versados por imaginação se

comprazem muito mais do que podem comprazer-se razoavelmente os prudentes [...] Ela não pode tornar sábios os loucos, mas os torna felizes...” (PASCAL, 2005, p. 13. laf.44, bru.82). A análise de Pondé (2014, p. 208) sobre essa relação é pertinente: “[...] de nada serve o conhecimento racional da verdade para um homem em busca da felicidade no mundo empírico da miséria”. Nessa dinâmica, o fenômeno do *divertissement* emerge em nossa pesquisa. Abordaremos o tema posteriormente, mas vale já aqui destacar sua relação com a imaginação, pois, como declara Pascal, a imaginação dispõe também da felicidade que é tudo no mundo. No processo de desviar de si mesmo, o homem se debruça sobre os braços da faculdade enganadora ao imaginar que seria feliz se obtivesse esse ou aquele objeto, ou mesmo superasse determinados obstáculos.

Ele precisa se animar e *criar um engodo para si mesmo imaginando que seria feliz* ganhando aquilo que não queria que lhe fosse dado sob a condição de não jogar, a fim de que *forme um motivo de paixão* e que excite com isso o seu desejo, a sua cólera, o temor por esse objeto que *formou para si* como as crianças se apavoram vendo a cara que lambuzaram de tinta (PASCAL, 2005, p. 54. laf.136, bru. 139. Grifo nosso).

Na citação supra, observamos a ilusão na qual o homem se entrega a fim de experimentar felicidade. Até mesmo a paixão que o move para o *divertissement* é produto de sua imaginação, a qual nos faz pensar que, alcançando certas aspirações, seremos felizes, alcançaremos o repouso. Dessa maneira, “não há *divertissement* sem a participação da imaginação” (PONDÉ, 2014, p. 239).

2.3 *Divertissement*

Encontramos no maço VIII da obra pascaliana Pensamentos o fenômeno do *divertissement* (divertimento⁴) como expressão da miséria humana. Nele, Pascal reflete sobre a temática expondo como as distrações desviam os homens de pensarem em si mesmos e, conseqüentemente, de se depararem com sua condição precária:

⁴ O verbo “*divertir*”, tanto no português, como no francês, tem sua origem no latim *Divertere*, significando “desabituar”, “fazer esquecer”, “ser diferente de”, “virar em diversas direções”. O termo era usado no contexto de guerra, quando um exército usava de uma manobra para distrair a atenção do inimigo. Encontra-se outro uso no direito e na administração do estado, para descrever o desvio de fundos, ou verbas (DOS ANJOS, 2011).

Não tendo os homens podido curar a morte, a miséria, a ignorância, resolveram, para ficar felizes, não mais pensar nisso [...] O rei está cercado de pessoas que só pensam em diverti-lo e impedi-lo de pensar em si mesmo. Porque ele fica infeliz, embora seja rei, se pensar em si mesmo (PASCAL, 2005, p. 50,52. laf.133, bru.169; laf.136, bru.139).

Ainda que vejamos em outros fragmentos um sentido próximo de entretenimento ou diversão contemporâneos, como a caçada de um javali ou um jogo de cartas, não é esse o sentido central que Pascal atribui ao *divertimento*, pois elenca outras atividades não tidas hoje como divertidas. “Daí vem que o jogo e o entretenimento com mulheres, a guerra, os grandes *empregos* sejam procurados” (PASCAL, 2005, p. 51. laf.136, bru.139-Grifo nosso). Assim, o sentido pascaliano desse fenômeno fundamenta-se na fuga ou distração, consciente ou inconscientemente, de nossa condição, por quaisquer que sejam as ocupações. Estas se constituem o âmago da discussão do filósofo, uma vez que o homem não suporta ficar no repouso.

Quando às vezes me pus a considerar as diversas agitações dos homens, e os perigos, e as penas a que se expõem na Corte, na guerra de onde nascem tantas desavenças, paixões, ações ousadas e muitas vezes maldosas etc., repeti com frequência que toda a infelicidade dos homens provém de uma só coisa: de *não saber ficar quieto num quarto* (PASCAL, 2005, p. 50. laf.136, bru.139. Grifo nosso).

Mas não é apenas uma questão de repouso, pois há outro viés, a saber, o silêncio. Pascal afirma que os homens gostam muito do barulho, assim como do movimento. Nessa dinâmica, o pensador constata: “Daí vem que a prisão seja um suplício tão horrível. Daí vem que o prazer da solidão seja uma coisa incompreensível” (PASCAL, 2005, p.51. laf.136. bru.139). Assim, é natural ao homem pós-queda essa busca constante pelas distrações, movimento e barulho, “porque afinal, se o homem nunca tivesse sido corrompido, gozaria, em sua inocência, tanto da verdade como da felicidade com segurança” (PASCAL, 2005, p. 47. laf.131, bru.434). E ainda:

Mas, quando considerei de mais perto e, depois de ter encontrado a causa de todos os nossos infortúnios, quis descobrir-lhes as razões, encontrei na infelicidade natural de nossa condição fraca e mortal, e tão miserável que nada pode nos consolar quando consideramos de perto (PASCAL, 2005, p. 50-51. laf.136, bru.139).

O filósofo francês fundamenta, portanto, na teologia cristã do pecado original as contrariedades do divertimento. Contudo, mesmo herdando de Agostinho o pensamento da corrupção humana, o jansenista destoa dele quanto à incapacidade do homem de

voltar-se para si mesmo. Como bem interpreta Pondé (2014, p. 248), “para Pascal, tomar o repouso como aquilo que gera felicidade é desconhecer a natureza humana”. Na verdade, as pessoas não teriam condições naturais para tal feito, por isso tentam encontrar o consolo de sua miséria natural no *divertimento*, mas este se constitui sua maior miséria- “A única coisa que nos consola de nossa miséria é o *divertimento*. E, no entanto, é a maior de nossas misérias” (PASCAL, 2005, p. 157. laf 414, bru.171). Por que essa conclusão? Porque nos impede de “pensar”, uma atividade que o homem não pode deixar de exercer já que o dignifica. O *divertimento*, portanto, reduz o homem naquilo que o enobrece, a capacidade de pensar:

O homem é visivelmente feito para pensar. É toda a sua dignidade e todo o seu mérito; e todo o seu dever está em pensar direito. Ora, a ordem do pensamento é começar por si, e por seu autor e fim. Ora, em que pensa o mundo? Nunca nisso, mas em dançar, tocar alaúde, cantar, fazer versos, passar anel etc... e em combater, fazer-se rei, sem pensar no que é ser rei ser homem (PASCAL, 2005, p. 268. Laf.620, bru.146).

O *divertimento* revela a frivolidade pungente no coração humano, pois ainda que o homem seja feito para fins mais elevados, se entrega à primeira distração que encontra. Nem mesmo um homem que perdeu há poucos meses o filho único e cheio de responsabilidades que o atormentavam pela manhã deixará de se ocupar com uma caçada a um javali.

O homem, por mais cheio de tristeza que esteja, se se puder convencê-lo a entrar em alguma diversão, ei-lo feliz durante esse tempo; e o homem por mais feliz que seja, se não for divertido e ocupado com alguma paixão ou distração que impeça o tédio de se expandir, logo estará acabrunhado e infeliz. Sem o divertimento não há alegria; com o divertimento não há tristeza. E é bem isso que compõe a felicidade das pessoas (PASCAL, 2005, p. 55. Laf.136, bru.139).

Além da frivolidade⁵, Pascal revela nesse fragmento que o *divertimento* é o modo concupiscente de o homem buscar a felicidade. Esta é perseguida por todos os homens: “Todos os homens procuram ser felizes. Isso não tem exceção, por mais diferentes que sejam os meios empregados. Todos tendem para esse fim [...] até daqueles que vão se

⁵ Pondé (2014, p. 239) aponta a frivolidade como alimento do divertimento:” O *divertissement* é a variação infinita em uma cadeia de objetos que, no limite, alimenta-se da frivolidade humana, banalizando o desejo, conceito que por si só já carrega a ideia de efemeridade e transitoriedade”.

enforçar” (PASCAL, 2005, p. 60, laf. 148, bru.425). Há bastante relevância nas palavras de Pascal, tendo em vista estarmos imersos na “tirania do imperativo categórico *be happy*”, isto é, a cultura “seja feliz” (PONDÉ, 2014, p. 227). Segundo o filósofo brasileiro, “parece haver uma ‘crença’ na evidência de que a felicidade é de fato um ‘atributo ontológico’ do homem” (PONDÉ, 2014, p. 227). A tradição filosófica desde Agostinho trabalhou a ideia de que a busca da felicidade e do prazer é constitutiva da natureza humana. Mas o homem contemporâneo perdeu a consciência de que a busca da felicidade e prazer sempre foi vista como um problema com o qual seria obrigado a lidar, mitigar, combater, e algumas vezes satisfazer.

No modelo atual, a “evidência” de que o homem nasceu para ser feliz e de que ele deseja isso é tomada como solução, e não como campo de problemas. Evidentemente uma sociedade baseada no ato do consumismo como ontologia e psicologia da felicidade é obrigada a “produzir” uma antropologia simétrica às suas necessidades (PONDÉ, 2014, p. 227, grifo do autor).

Pascal encara essa busca de forma tão problemática e trágica que estampa seu malogro afirmando que o pavor da angústia é maior que própria a felicidade, pois se o homem fosse realmente feliz, tanto mais o seria quanto menos se divertisse. Trata-se do vazio interior que reside na alma humana, o qual nada pode nos consolar quando nela pensamos de perto. Portanto, mais que felizes, queremos fugir da consciência de uma natureza vazia: “Eles têm um instinto secreto que os faz buscar o divertimento e ocupação exterior, que vem do sentimento de suas misérias” (PASCAL, 2005, p. 53. laf.136, bru.139).

Como já apontado, a imaginação também participa ativamente na mecânica do *divertimento*, pois mascara a realidade. Sem ela, o divertimento seria impossível, pois o processo de fuga, de busca da felicidade se dá por uma conquista fabricada, desejada.

Dai-lhe todas as manhãs os dias o dinheiro que ele pode ganhar a cada dia, sob a condição de ele não jogar, ireis torna-lo infeliz. Dir-se-á talvez que o que busca é a brincadeira do jogo e não o ganho. Fazei então com que não jogue a dinheiro: ele não se animará e se aborrecerá. Não é então só a diversão que ele busca. Uma diversão desanimada e sem paixão o entediará. Ele precisa se animar e criar um engodo para si mesmo imaginando que seria feliz ganhando aquilo que não queria que lhe fosse dado sob a condição de não jogar, a fim de que forme para si um motivo de paixão e que excite com isso o seu desejo, a sua cólera, o temor por esse objeto que formou para si como as crianças se apavoram vendo a cara que lambuzaram de tinta. (PASCAL, 2005, p. 54. Laf.136, bru.139- Grifo nosso).

Esse fragmento revela não somente a não gratuidade do divertimento, mas também que tal custo é próprio da imaginação do homem que fabrica um motivo de paixão a fim de fugir, de não pensar em si mesmo, pois a “faculdade enganadora” cria uma realidade, impõe valores e alvos a serem alcançados sem nenhuma preocupação com o fundamento verdadeiro (DOS ANJOS, 2011).

Os traços da miséria humana como concebidos por Pascal revelam nitidamente a influência do jansenismo e embates com Epiteto. O filósofo francês esboça em seu projeto apologético, *Pensamento*, as linhas que nos humilham, mas que nos consolam também, pois é na autoconsciência de nossas fraquezas e limites epistemológicos que desviamos da rota do triunfalismo ilusório humanista. Contudo, como pensador do paradoxo, o filho de Etienne redireciona sua atenção para aquilo que enobrece os filhos de Adão.

3. VESTÍGIOS DA GRANDEZA HUMANA

Pascal projeta-se para além do seu tempo ao não reduzir a condição humana a uma das concepções vigentes. O homem ultrapassa infinitamente o homem e confiná-lo a qualquer visão é desproporcional à sua natureza. Para tanto, expusemos que o apologista de Port-Royal reiterou as misérias que constituem os filhos de Adão, aproximando-se, portanto, de Montaigne. A partir de agora, vamos analisar os vestígios da grandeza que o pensador jansenista reconhece no homem. Todos eles atuam no campo epistemológico e contrariam o conceito de que Pascal teria sido um irracionalista, especialmente após sua conversão ao jansenismo. Convencido de que há um grau de saber possível e inato, ele esboça a grandeza humana na razão, coração e espírito de finura.

3.1 A razão

Já destacamos a relação de Pascal com Descartes, afirmando que o apologista de Port-Royal considerava a razão/pensamento uma marca da grandeza humana. A partir de agora consideraremos a temática de maneira mais aproximada, destacando os desdobramentos do pensamento pascaliano acerca da faculdade que dignifica o homem. Segundo o filósofo francês, “o pensamento faz a grandeza do homem” (PASCAL, 2005, p. 301. laf.759, bru 346), diferenciando-o dos animais: “Posso até conceber um homem sem mãos, sem pés, sem cabeça, pois é só a experiência que nos ensina que a cabeça é

mais necessária do que os pés. Mas não posso conceber um homem sem pensamento. Seria uma pedra ou um bicho” (PASCAL, 2005, p. 39. laf. 111, bru.339).

Discorrendo sobre a desproporção do homem em relação ao universo, Pascal ressalta paradoxalmente a grandeza humana residindo no pensamento. “O homem não é senão um caniço pensante, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagá-lo [...] pois ele sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele” (PASCAL, 2005, 86. laf.200, bru.347). O universo, com toda a sua magnitude, abarca o homem e o traga como a um ponto ínfimo, mas, por meio do pensar, o homem abarca todo o universo, no espaço de um instante ele é capaz de tragar e perscrutar a sua magnitude. O pensamento é, por assim dizer, aquilo que identifica o homem enquanto tal, o elemento sem o qual ele não pode ser pensado ou definido.

A atividade científica de Pascal, conforme mencionamos, e a qual seria impossível sem o uso da razão, também corrobora para relevância desse elemento de grandeza humana. Em seu embate com Descartes, ele ratificara que os métodos humanos não são infalíveis. Tal compreensão já fora demonstrada por Etienne Pascal. Por ocasião da publicação do Discurso do método, o patriarca da família Pascal colocara-se claramente em oposição às pretensões cartesianas. Não obstante, o autor das *Provinciais* não renuncia ao método em sua radicalidade. De fato, ele divide o seu método em três partes, a saber: as definições, os axiomas e as demonstrações. As definições devem ser claras e inequívocas, além de basearem-se em conceitos previamente estabelecidos. Quase ouvimos Descartes sussurrando em seu Discurso do método a sua regra de não aceitar como verdadeiro aquilo que não conhecesse claramente como tal. O fragmento abaixo revela a preocupação de Pascal com o pensar bem.

Quantos seres as lunetas não nos descobriram, seres que não existiam para os filósofos de antigamente! [...] Existem plantas sobre a terra, nós as vemos; da lua, elas não poderiam ser vistas. E nessas plantas, pelos; e nesses pelos, animaizinhos; mas além disso, mais nada. Que presunçosos! [...] Não se deve dizer que existe aquilo que não se vê. É preciso dizer como os outros, mas não pensar como eles (PASCAL, 2005, p.309-310. laf.782, bru.266).

Como apologista da fé cristã, Pascal também ressaltou a importância da razão, ao contrário da acusação de ser um irracionalista. Segundo ele, a violação dos princípios da razão torna o cristianismo absurdo e ridículo. Mas a submissão total da religião cristã deixaria a mesma sem o misterioso e o sobrenatural (PASCAL, 2005). Nesse caso, o

pensador de Port-Royal atesta que a razão não se submeteria nunca se ela não julgasse que há ocasiões em que se deve submeter. Portanto, é racional submeter-se quando necessário.

Submissão.

Deve-se saber duvidar onde é preciso, ter certeza onde é preciso, submeter-se onde é preciso. Quem não faz assim não ouve a força da razão. Existem pessoas que falham nesses três princípios: ou tendo certeza de tudo como demonstrativo, falta de conhecer-se em demonstração; ou duvidando de tudo, falta de saber onde é preciso se submeter; ou submetendo-se a tudo, falta de saber onde é preciso julgar. Pirrônico, geômetra, cristão: dúvida, certeza, submissão (PASCAL, 2005, p. 71. laf 170, bru 268).

A razão serve para que o homem possa avaliar em que medida a fé dá sentido a existência. Embora a fé encontre-se na esfera do mistério, do ocultamento, em muitos trechos dos Pensamentos, Pascal convida o leitor a arrazoar sobre o modo como a fé se coloca como uma explicação plausível para o mistério. É preciso razão, se não para compreender a fé, pelo menos, para se apavorar ao contemplar o silêncio eterno dos espaços infinitos (PASCAL, 2005). Um exemplo que merece ser aludido nesse contexto é, sem dúvida, aquilo que o autor das *Provinciais* designa Mistério do pecado original. Sobre o tema ele se antecipa em ressaltar que, do ponto de vista racional, a doutrina do pecado original é inexplicável, mas, na sequência convida o seu leitor a arrazoar que, sem ela, a própria existência seria inexplicável. Sem ela, no seu entender, não haveria explicação suficiente para todos os males que afligem a humanidade.

Ademais, a razão tem sua utilidade para fé, pois leva o homem a apostar na existência de Deus. Ela demonstra que, diante das possibilidades de perdas e ganhos é muito mais satisfatório crer em Deus. Em seu famoso argumento da aposta, Pascal leva o seu leitor à seguinte reflexão:

Pesemos o ganho e a perda, apostando em Deus. Vejamos os dois casos: se ganhades, ganhareis tudo; se perderdes, nada perdereis. Apostai, então, na sua existência sem a menor hesitação [...] Há uma infinidade de vida infinitamente feliz a se ganhar a ganhar, um acaso de ganho contra um número finito de acasos de perda; e o que jogais é finito. Isso afasta todo partido: onde quer que esteja o infinito, e onde não haja infinidade de acasos de perda contra o de ganho, não há o que pesar. É preciso dar tudo (PASCAL, 2005, p. 158-162. laf.418, bru.233).

Para Pascal, embora Deus seja definido como o *Absconditus*, a sua existência é razoável, no mínimo, mais provável. Para aqueles que veem no filósofo francês a figura do fideísta irracional, cabe um último questionamento: não seria uma demonstração clara de uso da razão utilizar-se de um cálculo de probabilidades para argumentar acerca da existência de Deus? Pondé resume acuradamente essa relação:

Para Pascal não se trata de desqualificar a razão de forma total, mas apenas situar a capacidade humana em um ponto no qual nem a ignorância, nem o saber são radicalmente inexistentes [...] Portanto, o homem não está aquém da razão, mas além, por ser irreduzível à razão natural. A insuficiência, primariamente- em sua raiz conceitual-, não é sinônimo de inferioridade, mas de transcendência (PONDÉ, 2014, p. 197).

Reunindo essas observações, portanto, podemos afirmar que o filósofo francês concebia o pensamento/razão como faculdade da grandeza humana. “Pascal, como cientista, considerava a razão como instrumento privilegiado para fundamentar as demonstrações que a ciência exige. Como controversista, e como se comprova nas *Provinciais*, empregava a razão como instrumento que permite combater os preconceitos” (FERREIRA, 2012, p. 134). Na obra *Pensamentos*, encontramos sua maestria na argumentação e uso da lógica. Dessa forma, chamar Pascal de irracionalista é desconhecer seu pensamento e realizações. Somente alguém empenhado realmente em pensar bem poderia afirmar que “zombar da filosofia é verdadeiramente filosofar” (PASCAL, 2005, p. 237. Laf.513, bru.4). O exercício de questionar a própria filosofia, que à época de Pascal tomava a “razão” como critério epistemológico pleno e único, consistia no autêntico amor pelo saber. Esse tem limites carentes de demarcação.

Pascal não é um mero *irracionalista*, pelo contrário, a razão é um dos cerne de sua filosofia da religião, o fracasso que a caracteriza (sua incapacidade em fundar qualquer *mathesis universalis* positiva, seja ontológica ou existencial ou meramente prática) é na realidade sua consistência como instrumento de *negatividade* filosófica (PONDÉ, 2009 *apud* FERREIRA, 2012, p. 133. Grifos do autor).

Apesar de a razão configurar uma faculdade que engrandeça o homem, Pascal entendia que não se deveria sobrevalorizá-la. “Os inimigos da religião transformaram a razão no tribunal supremo que decide a verdade ou a falsidade das crenças, sem distinguir o que se pode demonstrar do que supera os limites da razão” (FERREIRA, 2012, p. 133).

3.2 O coração

Qual o sentido do termo “coração” na pena do filósofo francês? Alguns enfatizaram apenas o aspecto epistemológico, já outros destacaram o fenômeno religioso. Gostaríamos de focar ambas as abordagens, bem como apresentar outras nuances.

Começamos com o sentido epistemológico do termo, recorrendo ao fragmento que melhor retrata o pensamento de Pascal acerca da temática:

Conhecemos a verdade não apenas pela razão, mas também pelo coração. É desta última maneira que conhecemos os primeiros princípios, e é em vão que o raciocínio, que não toma parte nisso, tenta combatê-los [...] Pois os conhecimentos dos primeiros princípios: espaço, tempo, movimento, números, são tão firmes quanto qualquer daqueles que os nossos raciocínios nos dão e é sobre esses conhecimentos do coração e do instinto que é necessário que a razão se apoie e fundamente todo o seu discurso (PASCAL, 2005, p. 38. laf. 110, bru.282).

Nessas linhas, Pascal mostra o coração como sede de conhecimento íntimo, imediato e indemonstrável, diferente da razão. “É o órgão dos primeiros princípios, que os raciocínios não podem alcançar” (MARTINS, 2011 *apud* FERREIRA, 2012, p.144). O conhecimento proveniente do coração não necessita de definições ou provas, uma vez que todos entendem naturalmente. “Sentimos naturalmente em nós a certeza da verdade dos princípios primeiros por sentimento natural” (PASCAL, 2005, p.46. laf.131, bru.434). No processo cognitivo, os primeiros princípios dispensam a razão, pois são auto evidentes. Assim, o coração interage com a razão ao sentir os princípios, enquanto esta trabalha de modo discursivo e demonstrativo extraindo conclusões dos princípios que lhe são dados.

Pascal pretendia com essa abordagem contrapor-se ao ceticismo dos pirrônicos, que criticavam a suposta incapacidade de se provar alguma coisa com total certeza. No interior do fragmento citado, ele afirma: “Por maior que seja a impotência em que nos encontramos de prová-lo pela razão, essa impotência outra coisa não conclui senão a fraqueza de nossa razão, mas não a incerteza de todos os nossos conhecimentos, como pretendem eles” (PASCAL, 2005, p. 38. laf.110, bru.282). Ou seja, o geômetra Pascal ensina ao pirrônico que não é preciso ligar certeza e demonstração, pois na geometria há certezas indubitáveis lá onde não há, contudo, possibilidade de demonstrar.

O fato de não poder provar os primeiros princípios é para ela (razão), pois, uma ‘impotência’, esta impotência não é de forma alguma, um argumento a favor do ceticismo; mas o é contra certo imperialismo da razão que raciocina; e, sob este aspecto, a geometria dá uma lição de humildade àqueles que querem ‘não admitir senão a razão’, a razão que raciocina, bem entendido (GOUHIER, 2006, p.101).

Mas Pascal refere-se ao órgão dos primeiros princípios de uma maneira mais particular, ressaltando o instinto, o sentimento e a fé, sendo o coração aquilo que designa a profundidade da alma (SELLIER, 1970 *apud* FERREIRA, 2012). Influenciado pelo pensamento agostiniano, o jansenista toma o coração como centro da atividade espiritual, no qual “se exerce a pressão divina” (GOUHIER, 2006, p. 87).

Apropriando-se desse sentido religioso, Pascal entende que o coração necessita ser inclinado para Deus tendo em vista a condição decaída do homem. “Não vos admireis de ver pessoas simples crerem sem raciocinar. Deus lhe dá o seu amor e o ódio de si mesmos. Inclina-lhes o coração a acreditar. Nunca se crerá, com uma crença útil e de fé, se Deus não inclinar o coração, e se crerá logo que ele inclinar” (PASCAL, 2005, p. 144. laf.380, bru.284). Como bem lembra o comentarista Gouhier (2006, p. 90), “o homem encontra no fundo do seu coração bens temporais ou bens espirituais, os primeiros estão no fundo como os segundos”. Segundo Pascal, portanto, o maior obstáculo entre o homem e Deus não é tanto de convencimento, mas de sentimento, de vontade, pois esta carece de inclinação divina (ou inspiração) tendo em vista sua corrupção.

Há três modos de se crer: a razão, o costume, (a) inspiração. A religião cristã, a única a ter a razão, não admite como seus verdadeiros filhos aqueles que creem sem inspiração. Não que ela exclua a razão e o costume, ao contrário mas é preciso abrir a mente para as provas, confirmar-se pelo costume, mas oferecer pelas humilhações às aspirações, únicas que podem produzir o verdadeiro e salutar efeito, a fim de que não seja inútil a cruz de Cristo (PASCAL, 2005, p. 319. laf. 808, bru.245).

Segundo uma das sentenças mais conhecidas de Pascal (2005, p. 164. laf.423, bru.277), “o coração tem razões que a razão não conhece”. O que seriam as razões do coração propostas por Pascal? Claramente, elas não devem ser confundidas com razão no sentido cartesiano. Além disso, seria precipitado confiná-las ao mero sentimento. Essas razões estão em conexão com a fé, com a disposição para crer em como a peça-mestra que desvenda o mistério da existência. A razão é incapaz de demonstrar Deus, somente o coração pode senti-lo. Nas palavras de Pascal (2005, p. 164. laf .424, bru. 278) “é o coração que sente Deus, não a razão. Eis o que é a fé: Deus sensível ao coração, não a

razão”. Afirmamos anteriormente que a razão pode ser vista como uma manifestação do princípio de grandeza do homem, não obstante, é necessário também seguir Pascal quando afirma que a maior grandeza da razão está em reconhecer a sua baixaza, os seus limites.

3.3 O espírito de finura

A grandeza desse vestígio consiste em sua maneira diferenciada de conhecer a realidade. Quando Pascal utiliza o termo, é para contrastá-lo com o espírito geométrico, que “define o homem científico que quer aplicar um esquema lógico-dedutivo a todas as coisas que quer conhecer” (FERREIRA, 2012, p. 69). Já o espírito de finura é a faculdade derivada do coração, na qual se realiza uma intuição ou percepção imediata sem, contudo, eliminar totalmente os princípios que devem ser conhecidos e bem processados.

Mas, no espírito de finura, os princípios estão no uso comum e diante dos olhos de toda gente. Não adianta virar a cabeça, nem fazer violência; a questão resume-se em ter boa vista, mas é necessário tê-la boa: pois os princípios estão tão desconexos e em tão grande número que é quase impossível não escaparem. Ora, a omissão de um princípio conduz ao erro; assim é preciso ter a vista bem clara para ver os princípios e em seguida espírito justo para não raciocinar de modo falso sobre princípios conhecidos (PASCAL, 2005, p. 235. laf.512, bru.1).

Enquanto o *espírito geométrico* abrange as ciências exatas, sendo a verdade apresentada de forma unívoca e qualificável, o *espírito de finura* engloba as ciências humanas, sendo capaz de sentir e interpretar uma multidão de elementos e dar-lhes uma unidade que lhes confere significado (FERREIRA, 2012). As coisas de finuras não se deixam manusear, como na geometria. Pelo contrário, mal se consegue ver os princípios, podendo-se senti-los mais facilmente do que vê-los (PASCAL, 2005). Assim, tentar fazer alguém adquirir essa finura consiste numa tarefa infinita. “São coisas tão delicadas e tão numerosas que é necessário ter um senso bem delicado e bem claro para sentir e julgar de modo justo e correto, segundo esse sentimento, sem poder, no mais das vezes demonstrá-lo por ordem como em geometria” (PASCAL, 2005, p.236. laf.512, bru.1). Diferentemente da ciência demonstrativa, que envolve um processo muitas das vezes demorado, a finura vê “as coisas num único relance, num único olhar e não no por progresso de raciocínio, pelo menos até certo grau” (PASCAL, 2005, p.236. laf.512, bru.1). Devido a dinâmicas tão distintas no campo epistemológico, o filósofo francês

aponta a raridade de um geômetra atingir a finura, apontando, portanto, o fracasso daqueles que tentam aplicar seu método a todo tipo de saber.

E assim é raro que os geômetras sejam finos e que os finos sejam geômetras, por quererem os geômetras tratar genericamente essas coisas finas, e se tornam ridículos, querendo começar pelas definições e em seguida pelos princípios, o que não é a maneira de agir nesta espécie de arrazoado. Não é que o espírito não o faça, mas ele o faz tacitamente, naturalmente e sem arte⁶ (PASCAL, 2005, p.236. laf.512, bru.1).

Mas essa acepção não atinge somente os geômetras. Segundo Baudin, “todos os homens têm coração, poucos têm espírito de fineza” (BAUDIN, 1946 *apud* GOUHIER, 2006, p. 106). Ou seja, esta faculdade não é sinônima daquela, o coração, mas é a que mais se aproxima, gerando certa confusão, conforme alerta o comentarista Sellier (1992 *apud* FERREIRA, 2012, p.171), “o espírito de *finesse* não é o coração, mas ele consiste em uma atividade dominante do coração que se prolonga em esboços de raciocínios” (SELLIER, 1992 *apud* FERREIRA, 2012, p.171).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que é o homem na natureza? Pergunta-se Pascal aturdido pelo sufocante paradoxo que envolve a existência. Buscamos resposta para este questionamento, especialmente na obra pascaliana *Pensamentos*, e chegamos à conclusão de que o filósofo francês concebia o homem como um ser paradoxal (miséria/grandeza). À ênfase de Epiteto na grandeza humana, ou sua autossuficiência, Pascal desferiu seus golpes contrariando tão elevada estima dos filhos de Adão. Esses não são super-homens, capazes de realizar qualquer coisa, confiando unicamente na razão. Quanto à ênfase de Montaigne na miséria humana, o apologista da religião cristã ressalta a grandeza, especialmente por conta do pensar.

Procuramos percorrer a visão paradoxal pascaliana analisando os traços da miséria: ennui (angústia), imaginação e divertimento. Observamos que os três interagem, formando uma dinâmica denunciadora da condição precária humana. Enquanto o vazio permeia o homem, este tenta não senti-lo por meio da fabricação de uma segunda natureza-imaginação-, e do desvio da contemplação de tal condição- divertissement. Em vez da fuga, e ao mesmo instante da

⁶ “*Sans art*” (sem arte) significa aqui, de acordo com a linguagem da época, “sem regras técnicas” (N. do T.) (PASCAL, 2005, p. 236).

perseguição, no caso da felicidade, os caniços pensantes deveriam reconhecer a condição transcendente e paradoxal na qual se encontram para lidarem melhor com as deficiências e desafios da existência.

Além disso, analisamos os vestígios da grandeza humana: a razão, o coração e o espírito de finura. Os três conceitos em Pascal são tomados como faculdades que revelam uma grande distinção entre os homens e os animais. Recorrendo à razão, o filósofo francês combateu o ceticismo de seu tempo, pois não é possível duvidar de todas as coisas. Se assim fosse, o pirrônico entraria em contradição ao ter certeza de sua premissa. É preciso tanto saber duvidar quanto se submeter à razão. A religião cristã, por exemplo, a despeito do mistério, não é irracional. Nessa certeza, o inventor da calculadora esboça o argumento da aposta, evidenciando que a crença em Deus é mais racional que a sua negação. Ainda no campo epistemológico, vimos Pascal atestar outras faculdades, o coração e o espírito de finura, que constituíam uma prova contra o dogmatismo corrente, tendo em vista haver outras formas de conhecimentos além da razão.

Que essa investigação direcione nosso olhar para os espaços infinitos e nos faça ver quanto, paradoxalmente, somos grandes e míseros. O beco do qual Pascal escapou continua sendo posto diante de nós, sendo necessário um espírito crítico próprio da filosofia.

REFERÊNCIAS:

ANJOS, Anderson Augusto dos. **Divertimento pascaliano: a agitada busca pelo repouso.** Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-20092012-113153/pt-br.php>> (Acesso 13/06/2016).

ATALLI, Jacques. **Blaise Pascal ou o gênio francês.** (Tradução de Ivone Castilho Beneditte). Bauru: EDUSC, 2004.

DESCARTES, René. **Regras para a direção do espírito.** Lisboa: Edições 70, 2001.

_____. **Meditações sobre Filosofia Primeira.** Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

FERREIA, Rildo da Cruz. **Caminhos para Deus: a razão e o coração segundo Blaise Pascal.** 212 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo. 2012.

GOUHIER, Henri. **Blaise Pascal: conversão e apologética**. Tradução Érika Itokazu e Homero Santiago. São Paulo: Discurso Editorial, 2005.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. (Edição, apresentação e notas Louis Lafuma). 2 ed. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PINTO, Rodrigo Hayasi. **O Antinaturalismo religioso de Pascal**. Disponível em <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/kinesis/article/view/4532>> (Acesso em 13/06/2016).

PONDÉ, Luiz Felipe. **O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana**. São Paulo: USP, 2001.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Pascal: condição trágica e liberdade**. Disponível em <<http://www.cle.unicamp.br/cadernos/pdf/Franklin%20Leopoldo%20e%20Silva.pdf>> (Acesso em 13/06/2016).

SOUSA, Joelson Pereira de. **O papel do pirronismo nos “Pensées” de Pascal**. Disponível em <http://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/063.pdf> (Acesso 13/06/2016).